

MÉTODO E TOTALIDADE EM GEORG LUKÁCS: DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE À ONTOLOGIA DO SER SOCIAL

Mateus Soares de Souza¹

RESUMO: Nosso texto pretende abordar a relação entre a noção de método e a categoria de totalidade na obra de Georg Lukács. Propomos investigar como esta categoria opera na engrenagem argumentativa de *História e Consciência de Classe* e como ela se transforma e passa a operar na *Ontologia do Ser Social*. Em *História e Consciência de Classe* a categoria de totalidade é tomada em dois sentidos metodológicos, a saber: a soma das diversas esferas de vida para compor a ‘totalidade social’ e o processo de identidade entre sujeito e objeto. No *Prefácio à Segunda Edição* esta categoria sofre severa crítica e, por fim, na *Ontologia do Ser Social* ela se apresenta de maneira reformulada. O autor indica, no *Prefácio*, que a formulação inicial em *História e Consciência de Classe*, na perspectiva da identidade entre sujeito e objeto, apresentava uma preponderância do aspecto lógico em detrimento do aspecto ontológico. Já na *Ontologia* essa categoria passa a atuar metodologicamente como a articuladora das categorias de teleologia e causalidade para entendermos a categoria trabalho, em sua atividade de “pôr teleológico”, apresentada como “princípio ontológico fundamental”. A totalidade também se faz presente na argumentação da categoria de reprodução social, entendida como um ‘complexo de complexos’. Apresentamos a hipótese de que há semelhança na operação metodológica que a totalidade realiza na engenharia argumentativa lukácsiana, seja como soma das diversas esferas de vida em *História e Consciência de Classe* seja como articuladora das categorias causalidade e teleologia na composição do “trabalho” ou no entendimento da sociedade como um complexo de complexos, na *Ontologia do Ser Social*. Tal hipótese sustenta a perspectiva de leitura a partir da idéia de uma ‘continuidade transformada’ da categoria nas obras em tela.

Palavras-chave: totalidade, método, ontologia, identidade sujeito e objeto, totalidade social

ABSTRACT: This paper aims at approaching the relation between the notion of method and the category of totality on Georg Lukács’ work. We propose to enquiry how this category operates in the argumentative gears of *History and Class Consciousness* and how it transforms itself and starts to operate in *Ontology of Social Being*. In *History and Class Consciousness* the category of totality is taken in two methodological senses, namely the sum of several spheres of life to compose a ‘social totality’ and the process of identity between subject and object. In the *Preface to the Second Edition*, this category suffers severe review and, in the end, in the *Ontology of Social Being* it is showed in a reformulated way. The author points out at the *Preface* that the initial formulation, in the perspective of identity between subject and object of *History and Class Consciousness*, presented a preponderance of the logical aspect over the ontological one. On the other hand, in *Ontology*, this category is acting

¹ Programa de Pós Graduação da UFABC - Mestrando

methodologically as an articulator of the teleology and causality categories in order to make us understand the category of labor in its activity of “teleological position” which is showed as “fundamental ontologic principle”. Totality is also present in the argumentation about the category of social reproduction taken as a “complex of complexes”. We presented the hypothesis that there is a resemblance in the methodological operation that the totality has in Lukacs’ argumentative engineering, whether as the sum of several spheres of life in *History and Class Consciousness*, as an articulator of teleology and causality categories in the composition of the categorial complex “labor”, or in the comprehension of society as a complex of complexes in *Ontology of Social Being*, what supports the reading perspective from the idea of a “transformed continuity” of the category in the aforementioned works.

Keywords: totality, method, ontology, identity of subject and object, social totality

I

O trabalho de Lukács é dividido, em geral, em 3 fases². A primeira delas, que compreende seus escritos de juventude, é caracterizada como pré-marxista e mais voltada a questões estéticas. *A Alma e as Formas*, publicada originalmente em 1911, e *Teoria do Romance*, de 1916, são as obras de mais largo alcance desse período. A segunda fase tem início com *História e Consciência de Classe*³ (1923), onde Lukács realiza, pela primeira vez, uma teoria dialética sistemática e de cunho marxista⁴. Além de *HCC*, foram escritos nesse período um livro sobre Lênin, intitulado *Lênin - um estudo sobre a unidade de seu pensamento*, além de *Reboquismo e Dialética*, finalizado em 1926, mas publicado apenas na década de 1990. Dos anos trinta em diante, após os chamados anos da “virada”, a temática da ontologia passa a dominar as pesquisas e a produção de Lukács, caracterizando a sua fase de maturidade. Textos como *O Romance Histórico* (1937), *O jovem Hegel* (1948), *Estética – A peculiaridade do Estético* (1963), *Para uma Ontologia do Ser Social*⁵ e os *Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social*, ambos publicados em 1984, compõem a fase tardia do autor.

O foco deste artigo está em analisar a passagem entre a segunda e a terceira fase de Lukács. No que diz respeito a isso, é um ponto de acordo que o período de seu

²Pensadores das mais diversas linhas e especialistas em Lukács, como Nicolas Tertulian, Guido Oldrini, Martin Jay, Andrew Feenberg, István Mészáros, Marcos Nobre, Ester Vaisman, dentre outros convergem em distinguir o pensamento de Lukács nas três grandes fases por nós apontadas. Suas caracterizações podem destoar um pouco quanto ao encaixe de uma ou outra obra em alguma das fases, mas o esquema geral permanece o mesmo que utilizamos.

³Doravante iremos nos referir a este texto por suas iniciais HCC

⁴MÉSZÁROS, *O conceito de dialética em Lukács*, p.61

⁵Doravante iremos nos referir a este texto pela sigla OSS

primeiro exílio em Moscou, no início dos anos 1930, foi central. O próprio autor ressalta, nesse sentido, a importância da experiência de trabalhar com Riazanov no Instituto Marx-Lênin na edição dos manuscritos juvenis de Marx e na publicação da MEGA⁶, que classifica como uma “esperança” no debate filosófico, que finalmente poderia ajudar a esclarecer a relação entre Hegel e Marx⁷. Tendo isso em vista, Oldrini parte de uma reconstrução histórica desse período para compreender o processo que leva Lukács à redação de sua obra postumamente publicada. Ele se vale de depoimentos do crítico soviético Michail Lifschitz⁸ e dos húngaros István Hermann e László Szikai,⁹ que “têm insistido com ênfase particular na ‘importância histórica’ da virada dos anos 1930, no fato de que – sem sombra de dúvida – exatamente ali, em Moscou, é que se forma o Lukács maduro”¹⁰.

Apesar de haver certo acordo entre os comentadores de que há uma “virada” no pensamento de Lukács nos anos 1930 e que ela está vinculada ao seu trabalho no Instituto Marx-Lênin, o caráter e o significado conceitual dessa “virada” são extremamente polêmicos e suscitam grande debate na literatura sobre o autor. O estatuto da categoria de totalidade corresponde a um dos eixos dessa polêmica.

A diversidade de leituras em torno das rupturas e continuidades do pensamento de Lukács pode ser entendida, também, como uma grande discussão já apontada pelo filósofo em seu artigo “*O que é marxismo ortodoxo?*” e que o acompanha em toda a sua produção:

O marxismo ortodoxo não significa, portanto, um reconhecimento sem crítica dos resultados da investigação de Marx, não significa uma ‘fé’ numa ou outra tese, nem a exegese de um livro ‘sagrado’. Em matéria de marxismo, a ortodoxia se refere antes e exclusivamente ao método¹¹

⁶Marx-Engels-Gesamtausgabe (MEGA) - trata-se da maior coleção crítica das obras de Karl Marx e Friedrich Engels editadas em língua alemã

⁷LUKÁCS, *Meu Caminho para Marx*, p. 42

⁸Esteta e filósofo com quem Lukács conviveu no primeiro dos seus exílios na União Soviética. No Prefácio a seu volume *Arte e Sociedade*, publicado em Budapeste no ano de 1968, ele declara: “No Instituto Marx-Engels, conheci e trabalhei com Michail Lifschitz, com quem, no curso de longos e amigáveis colóquios, debati as questões fundamentais do Marxismo. O resultado teórico mais importante desta clarificação foi o reconhecimento da existência de uma estética marxista autônoma e unitária. Esta afirmação, indiscutível hoje em dia, parecia no início dos anos trinta um paradoxo até para muitos marxistas” (LUKÁCS, 1981a, v.I, p.11). Neste campo importa lembrar, imperavam ainda as concepções próprias ao quadro de ideias formulado pela II Internacional (VAISMAN, 2007).

⁹Respectivamente, um dos primeiros alunos de Lukács e o diretor do Arquivo Lukács de Budapeste.

¹⁰OLDRINI, *Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács*, p.10-11

¹¹LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p.64

Se, para Lukács, em se tratando de marxismo, ortodoxia é uma questão de método, então resta saber em que nível há ruptura metodológica entre *HCC* e a *OSS*. Para realizar esse objetivo, o recurso ao “*Prefácio à Segunda Edição*” se mostra uma estratégia interessante, uma vez que contém não apenas as críticas que Lukács dirige à *HCC*, como também os méritos que atribui a ela. Ao contrário de outras autocríticas, que possuem um caráter protocolar¹², realizadas para escapar dos processos de punição partidária¹³, as autocríticas que ele dirige a si mesmo no “*Prefácio*” correspondem a momentos privilegiados para compreensão dos processos de ruptura e continuidade em sua teoria. Tendo isso em vista, buscamos o critério crítico utilizado neste texto, em especial em relação à categoria de totalidade e procuramos pensar se este critério nos permite traçar um fio condutor entre as duas obras.

No início do seu “*Prefácio à Segunda Edição*”, Lukács afirma:

Sem dúvida, um dos grandes méritos de *História e Consciência de Classe* foi ter restituído à categoria de totalidade, que a ‘cientificidade’ do oportunismo socialdemocrata empurrara totalmente para o esquecimento, a posição metodológica central que sempre ocupou na obra de Marx.¹⁴

Ao restituir a categoria de totalidade à sua ‘posição metodológica central’, Lukács nos apresenta uma leitura de sua produção em *HCC* como uma das obras que repõe a dialética no interior do marxismo, em contraposição às posições expressas pelo ‘marxismo oficial’ da II Internacional que Lukács avaliava estar contaminado por um viés positivista e revisionista. Esta proposta de restituição da dialética ao centro do método marca as fronteiras tanto no debate contemporâneo ao filósofo, seja com a socialdemocracia, seja com a concepção burguesa de ciência, quanto com a interpretação lukacsiana de Marx.

Se, por um lado, Lukács reconhece a importância de *HCC* chamando

¹²Sobre as desautorizações que Lukács realiza em suas autocríticas protocolares ver: *Pensamento vivido: autobiografia em diálogos* (LUKÁCS, 1999) e “Meu Caminho Para Marx” In: *Socialismo e Democratização Escritos Políticos de 1956-1971* (LUKÁCS, 2008, p. 43).

¹³Sobre as autocríticas realizadas por Lukács e seu caráter protocolar, o filósofo esclarece em seu texto *Meu caminho para Marx*, que muitos desses escritos foram produzidos no contexto dos “grandes processos” da segunda metade dos anos 1930 que levaram a execução de importantes dirigentes bolcheviques, como Zinoviev, Kamenev, Bukharin, dentre outros. Sobre esse fato, escreve Lukács: “Vi-me assim obrigado a travar uma espécie de luta de guerrilha em defesa das minhas ideias científicas, ou seja, a tornar possível a publicação dos meus trabalhos recorrendo a citações de Stalin, etc. e de neles exprimir, com a necessária cautela, a minha opinião dissidente tão abertamente quanto permitia a margem de manobra possível nas diferentes conjunturas daquele momento histórico. Por causa disso, tive algumas vezes que me calar.” (LUKÁCS, *Meu Caminho para Marx*, p. 43).

¹⁴LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p.20-21

atenção para o conceito de totalidade apresentado ali por ele, por outro lado, o “*Prefácio*” contém uma forte autocrítica do autor sobre sua obra de 1923, que o filósofo classifica como portadora de um “hegelianismo exacerbado” ou de “ser mais hegeliano que Hegel”¹⁵. Alguns comentadores consideram que, a partir das análises presentes no “*Prefácio*”, Lukács realiza uma renúncia “crítica e deliberada, ao prestígio de obras consagradas (...), a ponto de manifestar completa desidentidade autoral por textos que teria feito”¹⁶. A pergunta que nos serve de guia é: tendo em vista a força de suas críticas, o que leva Lukács a ressaltar, justamente, a importância da categoria de totalidade? Ao avançarmos na produção teórica do autor, percebemos a totalidade presente, ainda que de uma maneira transformada, em seu último texto, OSS, onde ele afirma:

devemos recorrer ao método marxiano das duas vias, já por nós analisados: primeiro decompor, pela via analítico-abstrativa, o novo complexo de ser, para poder, então, a partir desse fundamento, retornar (ou avançar rumo) ao complexo do ser social, não somente enquanto dado e, portanto, simplesmente representado, mas agora também compreendido em sua totalidade real¹⁷

A totalidade aparece, nesta passagem, como chave para a compreensão do caráter real do ser social, compondo uma segunda etapa do método. Assim, embora quase meio século e uma vasta produção intelectual¹⁸ separarem a elaboração dos referidos textos, a categoria da totalidade parece continuar no centro de sua reflexão. A questão que se coloca imediatamente é, então, se a categoria de totalidade, embora presente nos dois textos, possui o mesmo sentido e função nos dois casos.

Tomando como ponto de partida a polêmica expressa pelo próprio Lukács que ora critica o uso metodológico da categoria de totalidade enquanto identidade entre sujeito e objeto, ora mantém a totalidade como centro de seu método de análise, a literatura de comentário nos oferece um rico debate sobre o tema. Destacamos aqui, brevemente, três posições. A primeira defende uma ruptura entre os textos de *HCC* e *OSS*. A segunda defende a perspectiva de continuidade em toda a obra lukácsiana. A terceira, por sua vez, adota a perspectiva de ‘continuidade transformada’ englobando elementos tanto da primeira perspectiva de leitura quanto da segunda.

¹⁵LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p.25

¹⁶VAISMAN, *O ‘Jovem’ Lukács: Trágico, Utópico, Romântico?*, p.294

¹⁷LUKÁCS, *Para uma Ontologia do Ser Social I*, p.42

¹⁸Para uma biografia intelectual de Georg Lukács ver *A evolução política de Lukács: 1909 – 1929* (LÖWY, 1998) além de sua entrevista autobiográfica presente *Pensamento vivido: autobiografia em diálogos* (LUKÁCS, 1999).

Pensadores como Marcos Nobre e Martin Jay defendem a primeira posição e sustentam que, após 1930, Lukács “abandona as posições expressas em *História e Consciência de Classe* em prol da retomada do caráter central da categoria do trabalho, rumando para uma apresentação do capitalismo fundada numa 'ontologia do ser social'”¹⁹. Segundo Nobre, essa retomada representa uma ruptura no nível do método. Na argumentação sobre a reificação, a totalidade diz respeito à identidade entre sujeito e objeto e depende da tomada de consciência pela classe proletária, que é a única que possui o ponto de vista do universal. Já na OSS, a centralidade da categoria do trabalho faz com que a totalidade assuma outro papel na argumentação: o de articulação e síntese entre os diversos complexos e níveis de ser, com o objetivo de suprimir “elementos ainda idealistas e metafísicos de sua obra, de modo a eliminar as tensões existentes” nela²⁰.

Martin Jay, por sua vez, avalia que o afastamento teórico de Lukács em relação à HCC se dá logo após a sua redação e é caracterizado pelo deslocamento da categoria de totalidade do centro da argumentação. Este deslocamento se caracteriza pelo fato da totalidade não mais operar no desenvolvimento do argumento central dos textos como acontece em relação ao fenômeno da reificação em HCC. Para Jay, a totalidade passa a ser tomada como uma perspectiva de uma ‘totalidade social’, que articula as diversas partes da complexidade da realidade histórica, e funcionaria mais como um aspecto regulador do argumento. Um ‘pano de fundo’ ou um ‘ponto de vista’ que oferece uma perspectiva para o entendimento das teses lukacsianas. Isso é algo que poderia ser já percebido em *Lênin*, texto que é tomado por muitos como parte de sua segunda fase²¹. Embora Jay não defenda que esse deslocamento possua um caráter linear, pois Lukács retorna a elementos de HCC em sua obra de maturidade, Jay afirma que, nesse momento posterior, a categoria de totalidade já se encontra fundamental e significativamente alterada, pois articula práxis, subjetividade, consciência e elementos objetivos em um sentido metodológico mais “fraco” que o da identidade entre sujeito e objeto. Assim como Nobre, Jay avalia que essa ruptura metodológica fez com que a obra de maturidade de Lukács causasse menor impacto que HCC na tradição marxista²².

Nicolas Tertulian e José Paulo Netto se posicionam de maneira diferente. Para eles, há um fio condutor preciso que liga esses dois trabalhos de Lukács, mesmo no

¹⁹NOBRE, Lukács e os limites da reificação, p.12

²⁰NOBRE, Lukács e os limites da reificação, p.14

²¹JAY, *Marxism and Totality*, p.120

²²JAY, *Marxism and Totality*, p.127

que diz respeito à categoria de totalidade. Tertulian sintetiza a obra de Lukács como “um esforço de mais de sessenta anos para circunscrever a subjetividade do sujeito, para definir as condições de uma *unreduzierte Subjektivität* (uma subjetividade não reduzida e irredutível) e, mais precisamente, de uma verdadeira *humanitas do homo humanus*.”²³. O comentador lê o conjunto das obras do filósofo como uma série “de experiências intelectuais audaciosas” que teriam como objetivo reencontrar as figuras da consciência que poderiam dar corpo a uma “verdadeira subjetividade”²⁴. Tanto na identidade entre sujeito e objeto, encarnada pela consciência revolucionária do proletariado em *HCC*, quanto na “especificidade do gênero humano” para-si e na “consciência de si do gênero humano” na *OSS*, a questão da subjetividade se faz presente e está vinculada a uma concepção de totalidade como um grande complexo social totalizante.

José Paulo Netto defende que os escritos de Lukács podem ser caracterizados como uma tentativa de “superar a dualidade entre *Sollen* (dever ser) e *Sein* (ser)”²⁵. Para Netto, a unidade dialética que se realiza nas diferentes fases do pensamento lukacsiano implica alterações conteudísticas e formais, mas não pode deixar de ser vista, amplamente, como uma “unidade que se constitui de mudança e continuidade” que pode ser lida na forma de uma “linha sintetizadora fundamental” que liga todos os trabalhos do filósofo²⁶. A busca por uma “subjetividade verdadeira” ou uma “linha sintetizadora fundamental” se fundamenta na pretensão de Lukács de explicitar o quadro referencial ético²⁷ das relações humanas a partir de bases teóricas marxistas. Tanto em *HCC*, com a noção de identidade de sujeito e objeto, quanto na *OSS*, com a noção de complexo social totalizante, a categoria de totalidade desempenha um papel normativo na teoria. Haveria, ao longo de toda obra, um projeto ético não explicitado, dado pela coincidência entre o bem moral e o interesse da humanidade, materializada na revolução social como forma de emancipação humana.

A ideia de uma ‘linha sintetizadora fundamental’ ou da ‘busca de uma verdadeira subjetividade do sujeito’ faz com os dois autores posicionem a totalidade,

²³TERTULIAN, *As metamorfoses da filosofia marxista: a propósito de um texto inédito de Lukács*, p.44

²⁴TERTULIAN, *As metamorfoses da filosofia marxista: a propósito de um texto inédito de Lukács*, p.30

²⁵NETTO, *Apresentação*, p.18

²⁶NETTO, *Apresentação*, p.18

²⁷Em *Pensamento Vivido - uma autobiografia em diálogo*, Lukács se diz preocupado com uma ética de cunho marxista e afirma que a elaboração de uma ontologia foi uma preparação filosófica para a redação de uma grande Ética. “E - Além da Estética, em que mais o senhor trabalhou naquele período? L - Na preparação da minha Ontologia. A Estética, na verdade era a preparação da Ontologia, na medida em que trata do estético como momento do ser, do ser social. E - Que eu saiba depois da Estética o senhor planejava escrever uma Ética. L - Na verdade eu planejei a Ontologia como fundamento filosófico da Ética.” (LUKÁCS, 1999, p.139).

tomada como a categoria que sintetiza as diversas esferas de vida, como fio condutor de suas leituras de continuidade. Tanto para Tertulian, quanto para Netto, ao longo de toda a obra, Lukács continua lançando mão da categoria de totalidade como um recurso metodológico para explicar a complexidade. Seja de uma categoria em específico, como o ‘trabalho’ e a ‘reprodução social’ na *Ontologia*. Seja para o entendimento geral da sociedade como uma realidade histórica em *HCC*.

Uma terceira posição, sustentada por pensadores como Guido Oldrini e István Mészáros, incorpora elementos das duas posições anteriores apresentando uma leitura de “continuidade transformada” (OLDRINI, 2013, p.14). Mais uma vez, é o estatuto da categoria da totalidade que explicita os lineamentos de ruptura e continuidade entre as duas obras. Em sua investigação sobre as origens da OSS, Oldrini relata que a totalidade aparece com um “novo sentido (ontológico) marxista e tem um papel fundamental. Ela constitui o eixo para a correta compreensão das leis do desenvolvimento objetivo do real, assim como a dialética é o eixo dos nexos entre seus momentos”²⁸. Como em *HCC*, a totalidade é uma categoria essencial para a “correta compreensão” da teoria. Porém, sua operação no interior da OSS se apresenta de maneira diferente, transformada ou com um “novo sentido”. A totalidade passa a articular dialeticamente os nexos entre o “momento predominante” (*übergreifenden Moment*) nos diversos níveis de ser. Sendo o trabalho a categoria fundante da OSS, a totalidade teria o papel de articular, em seu momento predominante, as categorias de teleologia e causalidade, fundamentais à explicação do fato ontológico do surgimento do ser social²⁹.

Nesse mesmo sentido, Mészáros nos alerta sobre os riscos de “dividir os filósofos em ‘jovem X’ e ‘maduro X’, visando opor um ao outro”³⁰. Segundo ele, além de se dar, na maioria das vezes, de maneira arbitrária, essa oposição não permite realizar uma leitura global de um autor de vasta obra. Mészáros nos lembra que foi *HCC* que “permitiu que ele (Lukács) enfrentasse e elaborasse algumas categorias filosóficas de máxima importância prática - por exemplo, ‘totalidade’ e ‘mediação’”³¹. Essas categorias atravessariam toda a obra do autor e articulam dois pólos opostos: de um lado há uma totalidade da sociedade, que em última instância determina as interações dos complexos individuais, e de outro, há o homem individual complexo, uma totalidade em

²⁸OLDRINI, *Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács*, p.14

²⁹OLDRINI, *Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács*, p.25

³⁰MÉSZÁROS, *O conceito de dialética de Lukács*, p.33

³¹MÉSZÁROS, *O conceito de dialética de Lukács*, p.41

si, que constitui uma “unidade mínima e irreduzível”³². Essa operação metodológica da totalidade será usada, por Lukács, para explicar a interação do homem com a natureza, através da categoria trabalho na OSS. O modelo ontológico de “complexos de complexos” é lido, por Mészáros, na oposição “totalidade social” versus “homem totalidade”. Segundo ele, “a ‘totalidade social’ existe por e nessas mediações multiformes, por meio das quais os complexos específicos - isto é, ‘totalidades parciais’ - se ligam uns aos outros em um complexo dinâmico e geral que se altera e modifica o tempo todo”³³. A atividade de trabalho se daria por uma série de mediações da relação homem (totalidade parcial) com a natureza e é a gênese de um novo tipo de ser, um ser social (ou uma totalidade social). Vale destacar, que a noção de totalidade enquanto uma ‘totalidade social’ ou um grande ‘complexo social totalizante’ já está presente nas formulações de Mészáros sobre *HCC*, pois, para o autor o problema da totalidade “é conceituado do ponto de vista” e no interior “de um sistema de sociometabolismo já mais ou menos estabelecido”. Assim, as formulações sobre o problema só podem ser compreendidas “aos horizontes de tal sociedade”, pois a “concepção dialética da totalidade” nos forneceria uma das chaves de leitura da realidade enquanto “um processo social” em *HCC*³⁴.

Um dos objetivos deste artigo será o de analisar até que ponto é possível identificar, já em *HCC*, uma noção de totalidade que opera como articuladora do conjunto das relações e esferas sociais. E como essa operação metodológica se aproxima da noção de totalidade defendida por ele posteriormente em *OSS*. Tendo em vista, contudo, o abandono por Lukács de uma noção de totalidade como identidade de sujeito e objeto a partir do ponto de vista do proletariado, analisaremos tanto em *HCC* e em seu *Prefácio à sua Segunda Edição*, quanto em *OSS*, elementos na categoria de totalidade que nos permita identificar, no que diz respeito à esta categoria, o que se mantém e o que muda na posição de Lukács nesses dois momentos.

II

Em seu artigo de três partes chamado a “*A reificação e a consciência do proletariado*” presente em *HCC*, Lukács trata centralmente do problema da reificação.

³²MÉSZÁROS, *O conceito de dialética de Lukács*, p.46

³³MÉSZÁROS, *O conceito de dialética de Lukács*, p.58

³⁴MÉSZÁROS, *Para além do Capital*, p.378

Certamente, esses textos causaram enorme impacto nas gerações marxistas seguintes e podem ser considerados fundadores do que se denomina comumente de “marxismo ocidental”³⁵.

Lukács começa sua apresentação do problema da reificação a partir da universalidade da forma mercadoria e como ela opera fazendo “uma relação entre pessoas tomar o caráter de coisa”. Isso se daria por meio de uma “objetividade fantasmagórica” possuidora de uma legalidade própria, fechada, rigorosa, aparentemente racional e que possui o objetivo de “ocultar todo o traço de sua essência fundamental: a relação entre homens”³⁶. A reificação é um fenômeno universal que aparece a nós por meio de uma inversão: a relação entre homens toma caráter de coisa e a relação entre coisas toma caráter de humanidade. Porém, essa aparência, essa inversão, não é meramente uma ilusão, mas sim um fato real e necessário. Essa “ilusão necessária”, mais do que apenas um dado de realidade, se mostra enquanto uma “consequência inexorável da forma mercadoria”³⁷ e sua universalidade. Para a análise desenvolvida por Lukács em *HCC* essa “ilusão necessária” afeta diretamente o modo como a tradição científica burguesa tentou realizar a apreensão racional do real. Em sua caracterização do “racionalismo moderno”, o filósofo nos diz:

O que há de novo no racionalismo moderno é que ele reivindica para si - e sua reivindicação vai crescendo ao longo do seu desenvolvimento - a descoberta do princípio de ligação entre todos os fenômenos que se opõem à vida do homem na natureza e na sociedade”³⁸

Ora, dizer que o “racionalismo moderno” evoca para si a descoberta do princípio de conexão do conjunto dos fenômenos significa dizer que esta tradição, desde o seu surgimento com Descartes até sua forma mais sofisticada presente nas formulações de Kant, desenvolve “a ideia de que o objeto do conhecimento só pode ser

³⁵Termo cunhado pela primeira vez por Maurice Merleau-Ponty no seu livro *As aventuras da dialética* publicado originalmente em 1955 e que ganhou notoriedade com o artigo de Perry Anderson *Considerações Sobre o Marxismo Ocidental* de 1976. O termo visa a fazer uma oposição do assim chamado “marxismo oficial” difundido pela antiga União Soviética. Segundo Merleau-Ponty e Anderson, essa variante do marxismo começa com a publicação de *História e Consciência de Classe*, escrito por Georg Lukács, e *Marxismo e Filosofia*, escrito por Karl Korsch, ambos publicados em 1923. (MERLEAU-PONTY, p.66; ANDERSON, p.73)

³⁶LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p.194

³⁷NOBRE, *Lukács e os limites da reificação*, p.17

³⁸LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p.244-245

conhecido por nós porque e na medida em que é criado por nós mesmos”³⁹. Para Lukács, essa “linha reta” que liga a filosofia moderna não é apenas uma ideia abstrata ou indeterminada, mas vincula as condições formais de objetividade em geral ao método matemático e à física matemática. Conforme a abordagem de Nobre, essa “capacidade criadora”, essa “faculdade” passa a ser identificada com a essência mesma do entendimento humano uma vez que o modelo de conhecimento permanece inquestionado, aceitando-o como uma evidência⁴⁰.

Tomando esse diagnóstico, o filósofo irá buscar, em uma tradição crítica a esse racionalismo moderno, elementos para a formulação de sua própria crítica. E é o que Lukács faz ao retomar a crítica de Hegel à filosofia kantiana. Isso se faz necessário porque Lukács identifica que a filosofia de Kant, cujo projeto é o exame crítico de nossas faculdades de conhecer, não leva em consideração que esse próprio exame já é, em si, um saber. Assim, admite, de maneira velada, um parâmetro de certo tipo de conhecimento. Um modelo de conhecer torna-se modelo de conhecimento seguro⁴¹. O modelo dialético hegeliano difere do modelo do “racionalismo moderno” ao trazer à tona a categoria da totalidade, pois a mesma recoloca o problema da possibilidade de apreensão dos objetos últimos do conhecimento a partir de sistemas parciais que se articulam em um grande sistema de mundo integralmente contextualizado.

Lukács se valerá do aparato teórico oferecido pela *Fenomenologia do Espírito* de Hegel para realizar a crítica ao “racionalismo moderno”, identificado aqui como ciência burguesa ou conhecimento reificado. Esse aparato teórico crítico se manifesta em um “ponto de vista” metodológico que permite, ao invés de um conhecimento fragmentário e matematizado do mundo, um tipo de conhecimento relacional, dialético, processual e totalizante da realidade. Pois, é “o ponto de vista metódico da totalidade, que aprendemos reconhecer como problema central, como condição primordial do conhecimento da realidade”⁴² que oferece as ferramentas teóricas para a crítica da tradição do “racionalismo moderno”. Assim, a ação da categoria totalidade se dá em dois níveis metodológicos em *HCC*.

O primeiro sentido metodológico é a identidade entre sujeito e objeto. Ao buscar a unidade entre sujeito e objeto no plano material da história, ou seja, buscar o sujeito real e efetivo na história a partir da articulação dialética entre ser e consciência, Lukács

³⁹LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p.242

⁴⁰NOBRE, *Lukács e os limites da reificação*, p.25

⁴¹NOBRE, *Lukács e os limites da reificação*, p.29

⁴²LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p.100

busca uma formulação que o permita escapar da armadilha posta pelo “racionalismo moderno” e encontrar o objeto mesmo do conhecimento. Ora, se a tradição burguesa, em sua pretensão de descobrir um princípio de conexão do conjunto dos fenômenos, só conseguiu produzir “conhecimento reificado” e “antinomias” devemos, então, buscar um conhecimento real, no plano efetivo da história, através da unidade dialética entre sujeito e objeto. Nesta perspectiva em torno de uma dialética do sujeito e objeto idêntico conseguimos perceber que “teoria e prática participam do mesmo processo de constituição da realidade (Wirklichkeit)”⁴³. Portanto, a reflexão teórica não estaria fora dos antagonismos econômicos práticos na constituição e reprodução da realidade material estabelecida. Se somente a união entre teoria e prática pode ser considerada como um “critério imanente” para o desvelamento do real, então, na sociedade reificada somente o proletariado pode ser o sujeito produtor desse conhecimento. Levando-se em consideração que a posição do proletariado, na sociedade capitalista, é a de mercadoria que produz mercadorias, ele é ao mesmo tempo sujeito e objeto. Essa identidade entre sujeito e objeto, realizada na figura do proletariado indica também uma “imanência da totalidade”⁴⁴.

Lukács demonstra, em *HCC*, que o caminho para alcançar a consciência de classe do proletariado percorre, sinteticamente, as seguintes etapas: (i) o reconhecimento da universalidade da forma mercadoria; (ii) seu desdobramento na consciência burguesa que irá produzir apenas conhecimento reificado; (iii) o reconhecimento por parte do sujeito proletariado desse diagnóstico; (iv) o entendimento do sujeito proletariado enquanto produtor da universalidade do mundo; (v) o desvelamento do sujeito proletariado à sua condição de objeto, de mercadoria. Neste momento se realiza a perspectiva da identidade entre sujeito e objeto e nesse momento mesmo se dá a tomada de consciência por parte do proletariado, como consciência do processo ao qual está submetido. A realização dessa perspectiva só tem um caminho como consequência: uma “práxis transformadora da realidade” por parte desse sujeito.

O segundo sentido metodológico, presente ainda em *HCC*, é o da totalidade realizar uma articulação das partes do real, ou das “esferas de vida”⁴⁵, onde o todo é

⁴³MAAR, *A Formação da Teoria em História e Consciência de Classe de Georg Lukács*, p.206

⁴⁴MAAR, *A Formação da Teoria em História e Consciência de Classe de Georg Lukács*, p.223

⁴⁵ O conceito de “esferas de vida”, bem como o conceito de “possibilidades objetivas” são de matriz weberiana que, junto com a matriz marxista e hegeliana, compõem a concepção teórica de *História e Consciência de Classe*. Para Martin Jay, esses termos ganham uma dimensão ontológica no texto lukacsiano pois “instead of a fictional construct produced by the observer’s educated imagination, they were rooted in actual conditions of society” (JAY, 1984, p.112). Para um aprofundamento da influência

sempre maior que a soma das partes. “A meta final é, antes, essa relação com a totalidade (com a totalidade da sociedade considerada como processo)”⁴⁶. Assim, a categoria da totalidade articulava diversas esferas particulares de vida em algo mais complexo e qualitativamente diferente do que havia anteriormente. Só é possível entender a sociedade, como um resultado dessa articulação pela totalidade, ou como uma “totalidade social”. Pois é a “concepção dialética da totalidade (...) a única a compreender a realidade como um devir social”⁴⁷.

Portanto, a sociedade ou “totalidade social” se apresenta em *HCC* como algo “superior” ou “diverso” do que a mera soma das múltiplas “esferas de vida”. Não há dúvidas, para Lukács, que “foi o capitalismo a produzir pela primeira vez, (...) uma estrutura econômica unificada para toda a sociedade”⁴⁸. Essa noção de unidade também produz uma “ilusão necessária” que aparece na forma de autonomização das “leis” que determinam o funcionamento de esferas de vida particulares, dando um caráter de “irracionalidade relativa do processo como um todo”⁴⁹. A partir dessa “irracionalidade”, desse “‘sistema de leis’ - extremamente problemático - que regula a totalidade, que por princípio é qualitativamente diferente daquele que regula as partes”⁵⁰ que Lukács irá enxergar a “totalidade social” como mais do que a mera soma das diversas esferas de vida. A totalidade, aqui, é tomada como algo qualitativamente diferente, pois “a integração na totalidade (cuja condição é admitir que a verdadeira realidade histórica é precisamente o todo do processo histórico) muda não somente nosso julgamento sobre o fenômeno [reificação]” mas também provoca uma “mudança fundamental [qualitativa] no conteúdo desse fenômeno”⁵¹. Assim, “somente neste contexto, que integra os diversos fatos da vida social numa totalidade, é que o conhecimento dos fatos se torna possível enquanto conhecimento da realidade”⁵². A própria possibilidade de superação do conhecimento reificado em *HCC* também se apresenta condicionada à totalidade também em seu segundo sentido metodológico.

weberiana em *História e Consciência de Classe* ver o capítulo “Lukács and the Western Marxism Paradigm” presente em *Marxism and Totality - The Adventures of a Concept from Lukács to Habermas* (JAY, 1984). Sobre o tema, recomendamos também a leitura da dissertação de mestrado de Mariana Teixeira *Razão e Reificação: um estudo sobre Max Weber em História e Consciência de Classe* (TEIXEIRA, 2010).

⁴⁶LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p. 101

⁴⁷LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p. 85

⁴⁸LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p. 221

⁴⁹LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p. 225

⁵⁰LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p. 227

⁵¹LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p. 314

⁵²LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p. 76

A realização da perspectiva do sujeito e objeto idêntico como a condição para o surgimento da consciência de classe é alvo de severa crítica por parte do próprio autor no “*Prefácio à Segunda Edição*”, ao localizar essa identidade como “de tipo lógico-filosófico”⁵³. Dessa maneira, avalia o filósofo que, parecia que “a construção lógica-metafísica da *Fenomenologia do Espírito* tivesse encontrado uma autêntica efetivação ontológica no ser e na consciência do proletariado”⁵⁴. O foco dessa autocrítica está em apontar que essa perspectiva impregna de valor ontológico categorias puramente lógicas, incorporando as articulações entre lógica e realidade e forçando o conteúdo do real dentro da forma lógica. O cerne da construção argumentativa, da perspectiva metodológica do sujeito e objeto idêntico é posto em xeque por Lukács. O proletariado, ao tomar consciência de sua situação de dominação e desumanidade, tem sua ação de classe como que constrangida e direcionada, necessariamente, no sentido de transformação dessa realidade, tornando-se um sujeito histórico efetivo e o único capaz de realizar a superação da realidade reificada. Em sua autocrítica, o autor aponta que as categorias lógicas podem exprimir, no máximo, um momento da reconstrução do real que se apresenta complexo e multilateral do ponto de vista de sua essência, forma e conteúdo⁵⁵. Ao se questionar, no “*Prefácio à Segunda Edição*”, sobre o papel metodológico da identidade entre sujeito e objeto enquanto realização do ponto de vista da totalidade, Lukács diz:

Será que um sujeito-objeto idêntico é efetivamente produzido por um autoconhecimento, por mais adequado que seja, mesmo que tenha como base um conhecimento adequado do mundo social, ou seja, será que ele é produzido numa consciência de si, por mais completa que seja? Basta formular a questão com precisão para respondê-la negativamente. Pois, mesmo que o conteúdo do conhecimento possa ser referido ao sujeito do conhecimento, o ato do conhecimento não perde com isso seu caráter alienado.⁵⁶

A partir da crítica do caráter lógico⁵⁷ da identidade entre sujeito e objeto conseguimos entender por que Lukács classifica *HCC* como um texto portador de

⁵³LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p. 51

⁵⁴LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p. 24

⁵⁵LUKÁCS, *Para uma Ontologia do Ser Social I*, p.266

⁵⁶LUKÁCS, *História e Consciência de Classe*, p. 25

⁵⁷Além da crítica do aspecto lógico e sua tensão com o aspecto ontológico em relação à categoria de totalidade Lukács destaca outros dois problemas em relação à esta categoria em seu *Prefácio à Segunda Edição*. Refiro-me ao problema da organização e à concepção de natureza que derivam do uso da totalidade enquanto identidade entre sujeito e objeto.

“hegelianismo exacerbado” ou de “ser mais hegeliano que Hegel”, pois, ao utilizar essa identidade entre sujeito e objeto enquanto uma categoria que expressa um devir histórico o autor sobrecarrega ainda mais uma categoria lógica de valor ontológico. Admitindo-se que o aspecto lógico apreende somente um momento da realidade múltipla e complexa, estabelecer em uma categoria lógica o ápice de uma relação ontológica entre sujeito e objeto já representaria uma limitação na capacidade de apreensão da realidade⁵⁸.

Se a realização metodológica da perspectiva da totalidade não se dá mais pela identidade entre sujeito e objeto, nos resta saber, agora, como essa categoria atua na engrenagem argumentativa da OSS. Neste texto, Lukács busca fundar uma ontologia que tenha como centralidade a categoria de trabalho, inspirado na formulação marxiana de que o trabalho “é, assim, uma das condições de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana”⁵⁹. O caráter do trabalho como “mediador do metabolismo entre homem e natureza” é essencial para Lukács localizar essa categoria no centro de sua OSS, pois “todas as outras categorias dessa forma de ser têm já, em essência, um caráter puramente social” e somente o trabalho possui “como sua essência ontológica, um caráter de transição”, pois, se trata de “essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica como orgânica” e “assinala a transição, no homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social”⁶⁰.

Lukács define o trabalho como uma atividade de “pôr teleológico” e “modelo de toda a práxis social”⁶¹. Por pôr teleológico, o filósofo entende uma ação de duas etapas: a primeira caracterizada como uma pré-ideação, ou seja, qualquer objeto antes de existir no mundo é previamente ideado por seu criador; segundo uma atividade de exteriorização (Entäusserung⁶²) e objetivação da ideia na concretude histórica. Esse ato deve contar com as escolhas, o planejamento, o engenho do trabalhador, que pensa

⁵⁸LUKÁCS, *Para uma Ontologia do Ser Social I*, p.212

⁵⁹MARX, *O Capital*, p.120

⁶⁰LUKÁCS, *Para uma Ontologia do Ser Social II*, p.44

⁶¹LUKÁCS, *Para uma Ontologia do Ser Social II*, p.47

⁶²Existe, na literatura brasileira, uma grande discussão sobre a tradução dos termos alemães Entäusserung e Entfremdung, que foram, ambos, traduzidos por alienação, mas que representam, na literatura marxiana, momentos diferentes no processo de objetivação da produção e na alienação social como consequência dessa objetivação. Sobre o assunto, indicamos, dentre outros, a leitura do artigo de Jesus Raniere “Acerca das chamadas determinações da reflexão” presente em *István Mészáros e os desafios do tempo histórico* (RANIERE, 2011, p.63-83). Seguimos a discussão desse artigo na escolha das palavras exteriorização/objetivação para a tradução do termo Entäusserung.

já, o resultado desejado, e a partir de sua ação de “metabolismo” com a natureza, dá existência no mundo à essa ideia. Assim, o “pôr” do pôr teleológico é o que determina “um caráter irrevogavelmente ontológico” da categoria⁶³.

A categoria de pôr teleológico, porém, deve ser entendida como uma mediação entre as categorias de causalidade e teleologia. São totalmente causais as condições materiais que a natureza oferece como extensão orgânica e inorgânica do corpo do trabalhador. Em outras palavras, é totalmente causal os materiais e as condições dadas de trabalho. Porém, é totalmente teleológica, ou finalística, a prévia ideiação. Nas palavras de Lukács:

a causalidade é um princípio de automovimento que repousa sobre si próprio e mantém esse caráter mesmo quando uma cadeia causal tenha seu ponto de partida num ato da consciência, a teleologia, em sua essência, é uma categoria posta: todo processo teleológico implica em pôr um fim e, portanto, numa consciência que põe fins⁶⁴

O resultado dessa articulação mediada entre causalidade e teleologia é a existência material de um objeto que antes não existia. Essa prática social é o que caracteriza o trabalho. A objetivação de uma ideia subjetiva, agora presente no mundo, com realidade própria, passa a ganhar, também, história própria. Em outras palavras, a partir do momento que um ser humano realiza o processo de trabalho e cria um objeto, esse objeto extrapola a sua finalidade original, a sua teleologia, e passa a ter um destino totalmente causal na história dos homens e na sua própria história. Desta maneira a articulação entre teleologia e causalidade tem como destino um novo tipo de causalidade, chamada pelo filósofo de “causalidade posta”⁶⁵.

Essa interação mediada entre as categoria de causalidade e teleologia que gera uma “causalidade posta” só pode ser entendida em uma perspectiva metodológica que trata o complexo categorial do trabalho como uma unidade totalizante, com legalidade própria, e cujo resultado, por ser algo qualitativamente diferente daquilo que o originou, é muito maior que a simples somas de suas partes. Nas palavras de Lukács “tem-se inevitavelmente uma coexistência concreta, real e necessária entre causalidade e teleologia. Sem dúvida essas permanecem opostas, mas apenas no interior de um processo real e unitário, cuja mobilidade é fundada na interação desses opostos e que,

⁶³LUKÁCS, *Para uma Ontologia do Ser Social II*, p.48

⁶⁴LUKÁCS, *Para uma Ontologia do Ser Social II*, p.48

⁶⁵LUKÁCS, *Para uma Ontologia do Ser Social II*, p.53

para tornar real essa interação, age de tal modo que a causalidade, sem ver atingida a sua essência, também se torna posta”⁶⁶.

Continuando sua argumentação, Lukács demonstra que esse complexo categorial e totalizante do trabalho se apresenta apenas na forma de uma categoria fundadora. A própria história nos mostra que, a partir dos desdobramentos das mediações dessa categoria, o ser social se amplia e se modifica ao longo do tempo. Portanto, o filósofo nos alerta que só tem sentido pensarmos o trabalho enquanto uma totalidade se esta estiver em relação à uma totalidade maior, diretamente ligada à “sociedade enquanto totalidade”⁶⁷. Do ponto de vista metodológico, essa ligação é essencial, pois corre-se o risco de os “complexos singulares” que compõem o “complexo total” ganharem “uma autonomização extrapoladora daquelas forças que, na realidade, determinam apenas a particularidade de um complexo parcial dentro da totalidade” tornando “incompreensíveis as contradições e desigualdades do desenvolvimento” que têm sua origem nas “inter-relações dinâmicas dos complexos singulares e sobretudo da posição ocupada pelos complexos parciais dentro da totalidade”⁶⁸.

Cremos, então, ter a pista para entendermos como a totalidade passa a ser tratada metodologicamente na OSS. A realidade social se apresenta enquanto um grande complexo totalizante composto de diversos complexos categoriais que, em si, são essencialmente, totalidades parciais, com legalidade própria, e que se relacionam umas com as outras de maneira diversa através de um conjunto de mediações. Além, disso, essas “totalidades singulares” se relacionam também com a “totalidade geral”, com o ser social, de maneira diversa e mediada compondo um constante devir, histórico e processual. Apesar do abandono do seu uso metodológico da totalidade tomada como identidade entre sujeito e objeto, podemos adotar uma chave de leitura “continuidade transformada” nas obras de Georg Lukács em tela. Em sua argumentação para a construção das categorias de trabalho e reprodução em OSS a categoria de totalidade apresenta um sentido metodológico próximo, ao da articulação das ‘esfera de vida’ presentes em HCC. Transformada, pois a continuidade não é direta. Além do abandono da identidade entre sujeito e objeto a totalidade não articula mais “esferas de vida”, mas agora “complexos categoriais”. Porém, em relação ao método, ela ainda se faz presente,

⁶⁶LUKÁCS, *Para uma Ontologia do Ser Social II*, p.52

⁶⁷LUKÁCS, *Para uma Ontologia do Ser Social II*, p.302

⁶⁸LUKÁCS, *Para uma Ontologia do Ser Social I*, p.305-306

conservando a noção de materialismo histórico e dialético desenvolvida por Lukács ainda em *HCC*. Mantendo-se a noção de método, mesmo que transformada a partir de uma série de autocríticas, o filósofo húngaro pode manter seu diagnóstico que ortodoxia, em relação ao marxismo, é antes, uma questão de método.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o Marxismo Ocidental - Nas Trilhas do Materialismo Histórico*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- CHASIN, José. *Marx: Estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.
- FEENBERG, Andrew. *The Philosophy of Praxis - Marx, Lukács and the Frankfurt Scholl*. London - UK: Verso Books, 2014.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2008.
- INFRANCA, Antonino. *Trabalho, Indivíduo y História: el concepto de trabajo en Lukács*. Buenos Aires: Hierramenta, 2005.
- JAY, Martin. *Marxism and Totality - The Adventures of a Concept from Lukács to Habermas*. Cambridge - UK: Polity Press, 1984.
- LESSA, Sérgio. *Para compreender a ontologia de Lukács*. Ijuí-RS: UNIJUÍ, 2007.
- LÖWY, Michael. *A evolução política de Lukács*. Tradução de Heloísa Helena, A Mello, Agostinho Ferreira Martins, Gildo Marçal Brandão. São Paulo: Cortez, 1998.
- LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe: Estudos Sobre a Dialética Marxista*. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.
- _____. *Geschichte und Klassenbewusstsein*. Darmstad: Luchterhand, 1998.
- _____. “Meu caminho para Marx”, In: Carlos Nelson Coutinho. *Socialismo e Democratização: Escritos políticos – 1956-1971*, Tradução, Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Neto, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2008.
- _____. *Para uma ontologia do Ser Social I*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer, Ronaldo Fortes. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- _____. *Para uma ontologia do Ser Social II*. Tradução de Ivo Tonet, Nélío Schneider, Ronaldo Fortes. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- _____. *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins (Werke, B. 13-14)*. Darmstadt: Neuwied, 1986.

_____. *Prolegômenos Para uma Ontologia do Ser Social*. Tradução de Lya Luft, Rodnei Nascimento, Ronaldo Fortes e Ester Vaisman. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

_____. *Pensamento vivido: autobiografia em diálogos*. Tradução de Cristina Alberta Franco, Viçosa: Editora UFV: Ad Hominem, 1999.

MARX, Karl. *O Capital*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MAAR, Wolfgang Leo. *A Formação da Teoria em História e Consciência de Classe de Georg Lukács*. São Paulo: USP/FFLCH, Tese de Doutorado, 1988.

MÉSZÁROS, Istvan. *Para Além do Capital*. Tradução, Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

_____. *O conceito de dialética em Lukács*. Tradução de Rogério Bettoni, São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *As Aventuras da Dialética*. Tradução de Carla Berlinder, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

NETTO, José Paulo. *Georg Lukács*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. “Apresentação” In: MÉSZÁROS, Istvan *O conceito de dialética em Lukács*. Tradução Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

NOBRE, Marcos. *Lukács e os Limites da Reificação: um estudo sobre História e Consciência de Classe*. São Paulo: Editora 34, 2001.

OLDRINI, Guido. Lukács e os dilemas da dialética marxista. In: *Revista Crítica Marxista*. n.26, pp. 50-64, 2008.

_____. “Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács”. In: *Para uma ontologia do Ser Social II - Prefácio*. Tradução de Ivo Tonet, Nélcio Schneider, Ronaldo Fortes. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

RANIERE, Jesus. “Acerca das chamadas determinações da reflexão” In: Ivana Jinkings e Rodrigo Nobile, *István Mészáros e os desafios do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

TEIXEIRA, Mariana. *Razão e Reificação: um estudo sobre Max Weber em História e Consciência de Classe*. Campinas: UNICAMP/IFCH, Dissertação de Mestrado, 2010.

TERTULIAN, N. “Lukács hoje”. In: Maria Orlando Pinassi e Sérgio Lessa. *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002b.

_____. *Georg Lukács e a reconstrução da ontologia na filosofia contemporânea*. Conferência proferida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Ceará. 18p. 1996a.

_____. As metamorfoses da filosofia marxista: a propósito de um texto inédito de Lukács. In: *Revista Crítica Marxista*, n.13, pp.29-44, 2001.

_____. Uma apresentação à Ontologia do ser social de Lukács. In: *Crítica Marxista*. n. 3, p. 54-69, 1996b.

VAISMAN, Ester. A obra tardia de Lukács e os revezes de seu itinerário intelectual. In: *Trans/Form/Ação* n.30 (2), 2007.

_____. O 'Jovem' Lukács: Trágico, Utópico, Romântico?. In: *Revista Kriterion*, n.112, 2005.